

## DE COMO A CULTURA E A FIGURA DO ÍNDIO SÃO PROJETADAS A PARTIR DE UMA LITERATURA “MARGINALIZADA”

Maria Georgina dos Santos Pinho e SILVA (UERR)<sup>34</sup>  
Huarley Mateus do Vale MONTEIRO (UERR)<sup>35</sup>

### RESUMO

A literatura oral no Brasil confluuiu para o desenvolvimento da nossa diversidade cultural. Porém, ainda hoje encontramos uma visão vaga e equivocada quando a matéria se refere à produção oral dos indígenas. Sabendo das dificuldades de tal abordagem, o recorte que fizemos acerca da temática se restringe ao lugar que ocupa a literatura oral, considerada por alguns críticos literatura “marginal” quando comparada à literatura “oficial”. Diante disto, pretendemos compartilhar o mundo indígena por meio da literatura, a fim de desconstruir a imagem jocosa que lhes são conferidas. Por isso, partimos dos Estudos Culturais para atentarmos à potencialidade que essas narrativas fornecem à cultura de uma sociedade, ponderando que vivemos num país plural. Nesse sentido, nos valemos da ideia de que as discussões somam-se àquelas que, no campo dos estudos da literatura, valorizam as narrativas orais indígenas como expressão literária e identitária de um grupo social. Mesmo não fazendo parte do cânone é um gênero provocador na literatura contemporânea, uma vez que os ensinamentos estão impressos nas narrativas orais, e são consideradas por aqueles que relatam um espaço para manifestação das práticas culturais. Logo, a nossa intenção é contribuir para uma reflexão a respeito da literatura indígena no cenário acadêmico, com o propósito de que a cultura e as narrativas dos povos indígenas possam ser reconhecidas e consideradas no contexto das relações étnico-culturais e literárias ainda bastante desiguais no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Identidade. Literatura Oral. Literatura Marginal. Comunidade Indígena.

### 1. Introdução

Os estudos culturais têm amadurecido e ganhado força nesses últimos tempos na crítica social. Sua contribuição tem sido fundamental para mostrar que a cultura pode

---

34 Universidade Estadual de Roraima. Rua Moisés Teixeira Hausen, 1761, Cep. 69.313.582, Boa Vista, Roraima, Brasil. E-mail: georginapinho@hotmail.com

35 Universidade Estadual de Roraima. Rua Moisés Teixeira Hausen, 1761, Cep. 69.313.582, Boa Vista, Roraima, Brasil. E-mail: mdmvale72@gmail.com

ser vinculada a diversas áreas do conhecimento como a Literatura, a Antropologia, a Etnografia e outras. Um dos principais eixos dos Estudos Culturais são os materiais culturais, antes desfavorecidos como a cultura indígena, foco deste trabalho, cuja intenção é desconstruir a imagem jocosa que lhes são conferidas.

Essa imagem negativa advém desde os séculos XVI devido ao contato dos portugueses com os indígenas. Ao historiar ao Rei de Portugal, o escrivão Pero Vaz de Caminha apresentou suas primeiras impressões sobre os indígenas “parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, vistos que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências.” (SILVIO, 2003: 111). A imagem que Caminha construiu dos indígenas foi de um povo sem religião e, por conseguinte sem cultura.

Esse pensamento ainda é imperativo na sociedade atual, já que na história oficial do Brasil, as contribuições dos povos indígenas foram apagadas. Esse modo de pensar difere da ideia que temos sobre o índio, exatamente por compreendermos que o mundo indígena não poderia ficar fora da história, uma vez que no Brasil a Amazônia é uma região conhecida exclusivamente por seu componente indígena (Pizarro, 2012).

Mesmo o Brasil sendo um país múltiplo, com marcas da heterogeneidade cultural na dança, nos ritos, na alimentação e no modo de falar, encontramos uma forte resistência quando o assunto é literatura indígena, nomenclatura utilizada para as produções dos escritores indígenas. A literatura indígena é um termo recente que não está consolidado na crítica literária. No entanto, não podemos negar sua veracidade porque consta nos documentos constitucionais, como a lei 11.645/2008, que determina inserir nos currículos das escolas brasileiras a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, para que a tradição desses povos não permaneça ignota no meio educacional.

O espaço da desvalorização e do desconhecimento da literatura indígena precisa ser concluído, e para isso é necessário o debate, as discussões e o conhecimento dessa produção literária em ambientes educacionais, a fim de valorizar o outro, de modo que a sua história, a sua cultura, a sua crença e a sua cosmovisão não sejam esquecidas. Logo, a nossa intenção é refletir sobre a literatura indígena, considerada por alguns críticos literatura “marginal”, quando comparada a literatura “oficial”. Assim, o propósito deste trabalho, além de ser um convite para discutir a temática é divulgar a produção indígena no cenário acadêmico, para que possam ser apreciadas no contexto das relações socioculturais e literárias ainda bastante desiguais no Brasil.

## **2. Literatura indigenista: a voz do outro**

Para Dalcastagnè (2012), a literatura é uma forma de representação e espaço onde interesses e perspectivas interatuam e se colidem, para saber quem é esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que o seu silêncio oculta. Com isso, os estudos culturais e literários se interessam pelas dificuldades relacionadas ao acesso à voz e o aspecto dos diversos grupos sociais, uma vez que buscam entender o lugar da fala, isto é, quem fala e em nome de quem fala.

Logo, a discussão faz florescer o debate sobre o espaço da literatura brasileira “oficial” e o espaço da literatura “marginal”, essa última entendida como “aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valoração negativa da cultura dominante, quer sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produções, condição física ou outro critério” (Dalcastagnè, 2012: 17).

Desde o século XVI o índio ocupa um lugar na narrativa brasileira. A diferença é que no passado a sua voz foi silenciada por outras vozes que buscavam falar em nome dele, e hoje a voz do índio começa a aparecer no cenário brasileiro de forma ainda bastante tímida. Isso gerou um conflito entre o que realmente era e o que foi dito na obra literária. Em se tratando da visão dos primeiros habitantes do Brasil, qual o pensamento que vem a mente quando se fala de índio? Qual a visão do “branco” a respeito do índio? Vejamos a fala de Caminha no final da carta quando reforça ao rei de Portugal que “o melhor fruto que dela pode tirar me parece que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar” (SÍLVIO, 2003: 116).

De certa forma, a carta de Caminha foi um dos primeiros documentos que desenhou a imagem do índio brasileiro. Primeiro, de encantamento pela riqueza e a diversidade da fauna e da flora, criando uma visão de paraíso. Segundo, de estranhamento em relação ao modo de vida do índio, criando uma expectativa de “civilizá-lo” por causa da ausência de roupas, templos, religiosos e a escrita. E, por último, da diferença que eleva a cultura ocidental como superior a cultura indígena. Ao descrever o índio, Caminha comenta que “eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrissem suas vergonhas. Traziam na mão arcos e setas” (SÍLVIO, 2003: 90).

Rocha (2010: 7) afirma que “a imagem do indígena foi alugada para aparecer na História do Brasil em três papéis diferentes”. O primeiro foi visto pelos viajantes como selvagem e primitivo. A forma de assinalar o índio como diferente e exótico ocorreu

pela dificuldade de os viajantes conceberem o contexto de vida desses povos, ressaltada até hoje como povos distintos. Essa compreensão levou ao ofuscamento da cultura indígena.

Segundo, foi assinalado pelos jesuítas como um ser bondoso, de “alma pura”, que precisava de uma religião e, portanto, deveria ser catequizado. Terceiro, pela visão dos escritores românticos, valorizando a coragem, a nobreza, a valentia e a pureza do índio, como observamos no personagem Peri, da obra “O guarani”, de José de Alencar. A proposta pela busca da identidade brasileira elevou o índio a herói nacional, diferentemente dos portugueses e ingleses que tinham na idade média sua fonte de inspiração. A partir daí, a temática indígena passou a ser constante na literatura brasileira, tornando um componente indispensável, no entanto, a voz do índio ainda estava apagada e impossibilitada de escrever e apresentar o mundo indígena por meio do olhar indígena.

### **3. Literatura indígena: a voz do índio**

Na contemporaneidade a literatura brasileira ainda é bastante homogênea. Mas, é notório o aumento de publicações de literaturas consideradas marginal. O termo marginal está relacionado aos escritores que não se encaixam no “padrão” daqueles que pertencem ao cânone literário. Segundo Nascimento, o termo marginal

serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como “marginais”. (NASCIMENTO, 2006: 9)

A partir dessa percepção muitos críticos estabelecem hierarquias entre as literaturas, gerando tensões quando a discussão é literatura indígena, assunto que continua sendo negado e desrespeitado por muitos. Mesmo com a ampliação da produção indígena, essa literatura não é valorizada da mesma forma que a literatura considerada canônica. Segundo Dalcastagnè (2012), bastam analisar quem são os autores que marcam presença nas livrarias, revistas, jornais e nas listas dos premiados.

Na categoria prêmios para estreados (2005-2011) 96% foram homens e 4% foram mulheres. Já os romances publicados pelas principais editoras (1990-2004)

em relação à homogeneidade racial, 93,9% foram brancos e 6,1% outros. Comparando as cidades com maior número de publicação o Rio de Janeiro e São Paulo perfazem um total de 65% e as outras cidades 35%. Diante dessa situação, quando um autor indígena entra no cenário como escritor e se desvia do “padrão” origina um desconforto imediato.

O certo é que há um esforço para aproximar as duas literaturas no sentido de que a literatura indígena pode tornar-se visível não só no contexto indígena, mas no cenário brasileiro. Ao utilizamos essa nomenclatura significa dizer que é a literatura produzida pelos escritores indígenas e não sobre os indígenas, uma vez que não temos o interesse de apresentar, como nos períodos anteriores, um retrato do índio frágil e inocente.

A cultura indígena só foi considerada inferior a dos europeus no contexto de colonização por causa da ausência da escritura, considerando que os índios utilizavam a oralidade para perpetuar as tradições de seu povo. Na Introdução aos *Contos Crioulos da Bahia*, Juana Elbein expõe de forma interessante a função da palavra no universo da oralidade:

[...] a palavra proferida tem um poder de ação. A transmissão simbólica, a mensagem, se realiza conjuntamente com gestos, com movimentos corporais; a palavra é vivida; pronunciada, está carregada com modulações, com emoção, com a história pessoal, [...] a palavra ultrapassa seu conteúdo semântico racional para converter-se em um instrumento condutor de um poder de ação [...]. Cada palavra proferida é única. A palavra se renova, cada repetição é uma resultante única. A expressão oral renasce constantemente; [...] a palavra é pronunciada para ser escutada; ela emana de uma pessoa para atingir a outras; [...] A palavra é importante na medida em que é som, que é pronunciada. [...] A palavra pronunciada implica sempre uma presença que se expressa, que trata de atingir um interlocutor (SANTOS, 1976: 12-14).

É importante destacar que a palavra transmite impacto do pensamento humano. Ela é o meio de coletivização, porque as experiências individuais são comunicadas e tornadas socialmente conhecidas. Para Le Goff “na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (2010: 424). Pode-se, então, compreender que a oralidade em qualquer sociedade é capaz de proporcionar informações para aclarar sobre a cultura e os valores de um povo. No entanto, isso não foi o suficiente para que a cultura dos povos indígenas fosse valorizada e reconhecida pela cultura dominante.

Apesar das dificuldades apontadas, os indígenas estão se estabelecendo por meio do processo da escrita, sem se expropriarem das suas práticas culturais. As

peculiaridades da cultura indígena estão aflorando na sociedade ocidental, muitas vezes sem ser observada, contudo, estão presentes nas histórias, na religião, na culinária e no vocabulário. O número de escritores indígenas tem crescido gradualmente, principalmente na área da literatura infanto-juvenil, alcançando um número 35 escritores que produzem regularmente, totalizando atualmente 100 títulos. Os indígenas começaram a ter voz, a contar e escrever suas próprias histórias, e com suas especificidades étnicas ganham voz e lugar na sociedade, aliás, não só os indígenas, mas os grupos minoritários excluídos, pulsando a hegemonia da literatura brasileira.

O grupo de escritores indígenas do Brasil são conhecidos nacionalmente e internacionalmente, como Daniel Munduruku, Olívio Jekupé, Eliane Potiguara, Yaguarê Yamã e outros que investiram na carreira de escritor para firmar a cultura, a identidade e as ideologias dos povos indígenas. Daniel Munduruku é um dos escritores indígena mais conhecido e reconhecido no Brasil. Atualmente tem 42 obras publicadas para o público infanto-juvenil, e acredita que seus livros têm a oportunidade de aproximar o leitor da cultura indígena, sem os estereótipos da colonização. No livro “Histórias de Índios”, Munduruku mostra a cultura indígena e um pouco dos conflitos vivenciados com os povos dominantes.

Nosso povo não está e nunca estará terminado. Não adiantará o homem branco nos exterminar, querer nos matar, pois nós nasceremos das cinzas se preciso for para mantermos nossa história e a memória de nossos irmãos que já morreram. (...) . Dito isto, o pajé ergueu o pequeno Kaxi e o apresentou à comunidade como seu sucessor, aquele que seria o tutor do povo Munduruku após a união com os antepassados (MUNDURUKU, 2011: 14).

A obra é uma oportunidade para mencionar e desbancar preconceitos antigos e ao mesmo tempo apresentar o modo de vida, os ritos, as crenças, os costumes e a organização política dos índios. O escritor tenta encontrar o espaço de construção para a identidade indígena, e comenta que a causa de todo o conflito com os não indígenas foi por causa da terra. Desconsiderar o vínculo dos indígenas com as terras é subestimar uma teia de significados que sustentam esses povos até o presente, pois para o indígena *Anna Pata*, *Anna Yan*, quer dizer “Nossa terra, Nossa mãe” (SILVA: 2013). De acordo com o escritor, eles “não esperam mais pelo governo, mas se protegem dos invasores como podem” (Munduruku, 2011: 58).

Munduruku procura estabelecer um canal identitário para os índios por meio da literatura, mas também levanta questões que desafiam a busca da brasilidade nas próprias raízes que está no cerne das discussões sobre a identidade do país. Nesse

mesmo viés Bend (2003) realça que as literaturas minoritárias estão voltadas para a estabilização de um desenho identitário. Complementando essa ideia Castells (2010: 24) comenta que “a construção da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder”. Kleiman (1998: 275) aponta ainda que a interação “ocupa um lugar central na explicação do constructo da identidade, e seu conceito implicado, o da alteridade, da diferença”. É nesse sentido que a construção da identidade indica uma relação formada com o outro, marcada pela diversidade e diferença cultural.

Os escritores indígenas procuram validar um novo olhar sobre a identidade cultural dos povos indígenas manifestados na cultura brasileira. E o modo de demonstrar essa visão é por meio da literatura, que está permeada de símbolos, do mítico e do real. Todavia, muitas vezes o pensamento mítico é norteadado pelo padrão do outro. A perspectiva indígena de Daniel Munduruku abre espaço para abrigar uma diversidade de existências, como por exemplo, a do menino Kaxi que tem uma infância feliz, e descreve sobre o início da vida adulta, apresentando a cultura indígena a partir do olhar indígena.

Em entrevistas concedida a Empresa Brasil de Comunicações S/A (2010), Daniel Munduruku comenta que existe uma literatura escrita na língua dos povos indígenas, porém fica mais restrita às comunidades, considerando o número resumido de leitores. Além disso, explicou que existem escritores indígenas produzindo livros para serem adotados nas escolas brasileiras, em virtude da Lei nº. 11. 645/2008, que estabelece obrigatoriedade de temáticas indígenas nas escolas brasileiras. Sobre essa discussão Olívio Jekupé (2013) realçou a importância do conhecimento da lei e dos escritores indígenas, mas demonstrou uma preocupação pelo fato de que os professores não estão preparados o suficiente para trabalhar a temática indígena na sala de aula, por não conhecer de fato a história dos índios.

“os professores vão ter que falar sobre nós. O que eles vão falar? Se não têm assunto, eles vão falar um monte de besteiras sobre a gente. Então, por isso, que é importante o surgimento dos escritores indígenas”  
(Entrevista: 2013).

A lei colaborou de forma significativa para impulsionar a produção e divulgação de literaturas indígenas no ambiente escolar. Discutir esse espaço de interação é reconhecer a identidade cultural dos indígenas. Olívio Jekupé (2013) comenta que os conhecimentos e as tecnologias dos brancos é uma maneira de proteger a cultura indígena.

“Quando não tinha nada disso, eles falavam que o índio é atrasado. Quando a gente começa a pegar tudo isso, eles falam que o índio é aculturado, que está perdendo a cultura. Não, não está perdendo. Essas coisas que a gente usa hoje são uma forma de defesa”. (Entrevista: 2013)

Observamos a tensão na fala do escritor em relação ao pensamento do outro, no caso o homem “branco”, devido à imagem estereotipada perpassada pela sociedade dominante, de que o índio um povo “sem cultura e sem civilização”. Essa perspectiva ainda recorre na atualidade, porque as academias só reconhecem a produção literária indígena se esta for “baseada unicamente [e obrigatoriamente] na existência do livro [‘branco’] tal como o conhecemos na atualidade” (Graúna *apud*, Capriles, 1987: 5). Contudo, é um pensamento que vem sendo desconstruído gradativamente, porque a cultura, as línguas e as histórias indígenas estão sendo reveladas como configuração de um processo que refletiu na construção e na formação da identidade brasileira.

Logo, sabemos que acultura decorre de uma multiplicidade de práticas políticas, econômicas, sociais e ideológicas, que vão sendo modificadas ao longo do tempo e nos espaços, conforme as interações e construções sociais que ocorrem no âmbito das relações internas e externas aos grupos indígenas. Diante disso, será que a cultura indígena estaria ameaçada pela modernização? Compreendemos que não, porque a cultura indígena, assim como as outras culturas, é constantemente recriada, todavia o importante é que os povos indígenas reconheçam e valorizem os saberes culturais, de modo que a modernização não comprometa o contexto de produção e de transmissão das práticas culturais.

Os valores surgidos na contemporaneidade e as expectativas indígenas em relação ao futuro parecem entrar em dilema com os valores tradicionais. Esse processo pode ser entendido como um procedimento de transformação cultural a que estão sujeitas todas as sociedades. Mas, vale lembrar que a ausência da escrita no contexto da sociedade indígena não foi pretexto para que as tradições apagassem, pelo contrário foram repassadas de geração a geração. Nesse caso, a escrita e a oralidade se complementam para fortalecer e perpetuar as origens culturais dos povos indígenas.

Esse ponto é interessante para recolocarmos que a cultura de uma sociedade ou de um grupo pode ser considerada inconstante frente às ações no mundo, não como um conjunto de práticas coerentes, uniformes, imutáveis, observando que, com o grupo indígena não é diferente.

#### **4. Literatura indígena: contexto roraimense**

A composição oral sempre fez parte da cultura indígena e recompôs a memória de várias épocas. Isso implica dizer que reconhecemos e valorizamos os textos originários da tradição oral. Le Goff (2010) comenta que a memória é o ponto de apoio para que as tradições dos antepassados não se percam; considerando que a memória é o terreno onde cresce a história e, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.

Por essa via consideramos a literatura indígena um componente significativo para transmitir os valores e os ensinamentos difundidos pelas histórias orais. Elas se revelam como um dos modos mais autênticos de compreender a realidade cultural de uma sociedade. Vale ressaltar, que neste estudo as histórias orais emergem com a mesma importância do passado, revelando-se um campo prolífico, com particularidades ligadas à tradição oral, às práticas sociais e culturais de cada grupo, e estão entremeadas de uma consciência coletiva e individual. Isso ocorre porque há um fio entre a composição oral e a escrita, e envolve aspectos do contexto local, de simbologias, da imaginação, muitas vezes rompendo com o racionalismo.

Consequentemente, na perspectiva de uma atuação que explore a dimensão da literatura indígena e sua importância para a manutenção da identidade étnica, apresentamos uma história contada na comunidade indígena São Jorge, localizada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol-RR-Brasil. A história selecionada neste trabalho foi contada pelo Sr. Severino Barbosa, de 97 anos, de etnia macuxi. O livro não passou pelo processo de editoração, mas está sendo utilizado nas escolas da própria comunidade.

É interessante ressaltar que a história “A onça e o jabuti” é expressiva, com marcas que possibilitam a identificação de modos específicos da cultura indígena. Por isso, acreditamos que os povos indígenas podem ser representados pelas suas histórias, e conquistar novos espaços. Zumthor (2010) nos mostra que nas últimas décadas a valorização das tradições orais é como forma de acesso ao passado para suprir as “brechas” deixadas pela documentação escrita.

Na literatura indígena as histórias estão impregnadas não só de mistérios, mas de poeticidade, como podemos observar no breve resumo da história “A onça e o jabuti”<sup>36</sup>,

---

36 A história foi relatada pelo Sr. Severino Barbosa, morador mais antigo da Comunidade São Jorge. Vale lembrar que algumas informações contidas nesse trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulado “ Filigranas de vozes: performance do narrador e o jogo de significados nas narrativas orais

é conhecida em várias comunidades indígenas roraimense, porém com muitas variações. A história relata a façanha de um jabuti para escapar da astuciosa onça faminta. Nessa narrativa encontramos a acentuada presença do imaginário indígena, graças ao enredo que aborda sobre dois personagens-animais que falam e pensam como seres humanos.

O imaginário ao qual nos reportamos são as representações simbólicas que dão sentido à realidade proclamando valores e formas de ser de uma Comunidade. Para a definição do imaginário nos referimos ao estudo de Bazko, para quem o imaginário está ligado ao processo de construção de um grupo social ou nação, pois “através dos seus imaginários sociais uma coletividade designa sua identidade, elabora uma certa representação de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns” (1985: 309). O imaginário não é visto como um domínio sem movimento, que não pode transportar, mas ele muda de acordo com os compassos da história e, através destas mudanças é possível ler e apreender o funcionamento mais vasto de uma sociedade (LE GOFF, 1994).

A relação entre a onça e o jabuti é permeada pela força da primeira e a esperteza do segundo, levando os indígenas a refletirem, de certa forma, a relação entre o ser humano e o maior felino/predador que habita nos lavrados roraimense e nas florestas brasileiras, não carecendo, portanto, de mais explicações e apresentação de motivos. Nas histórias indígenas o jabuti se popularizou porque sempre aparece como herói, cheio de astúcia e humor, e a onça por ser um animal forte e potente tem sido sempre trapaceada pelos fracos e menos hábeis. É nesse sentido que a literatura indígena contribui com o meio social e ambiental do indígena, buscando cooperar com a formação social e familiar, tendo em vista suas temáticas variadas que retratam sobre atitude, obediência, família, cultura e tradição.

Assim, pelas próprias peculiaridades do discurso, e por mais fiéis que ansiamos transcrever, alguns elementos desaparecem quando repassamos a narrativa para o formato da escrita, provocando, com isso, um desassossego, como afirmou Padilha (2007: 17), e também dúvidas quanto a esta difícil “transcrição”. Compartilhamos a preocupação em passar o texto oral para a escrita, porque a oralidade penetra profundamente na alma de quem conta. Sem a oralidade não existe história, sem história não existe um povo. Nesse sentido, a literatura indígena recupera símbolos e

---

indígenas da comunidade São Jorge-RR”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal de Roraima.

significados, e ao mesmo tempo ressignifica a identidade indígena, fortalecendo a memória e as tradições sempre marcadas pelo lugar de onde eles falam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bazko, B (1985). *Imaginação social*. Encicopédia Einaudi, Anthropos-Homem. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 5, p. 296-332.

Bernd, Zilá. Grandis, Rita de (2003). *Imprevisíveis Américas: questões de hibridação nas Américas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

BRASIL. Lei Nº. 11.645, de 10 de março de 2008. *Dispõe as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)> acesso em 20 de set. 2015.

Castells, Manuel (2010). *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra.

Capriles, René (1987). *A força da poesia pré-colombiana*. In: Letras & Artes: São Paulo.

Dalcastagnè, Regina (2012). *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro, Editora da UERJ.

Graúna, Graça. *Literatura Indígena: desconstruindo estereótipos, repensando preconceitos*.[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna\\_lit\\_indigena\\_desconstruindo.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna_lit_indigena_desconstruindo.pdf)>acesso 10 de set/2015.

Le Goff, Jacques (2010). *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas-SP: UNICAMP.

Kleiman, Ângela B (1998). *A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional*. In: Signorini, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras. pp. 267-302.

Nascimento, Érica Peçanha do. *“Literatura marginal”*: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação apresentada ao Programade Pós-Graduação da Faculdade deFilosofia, Letras e Ciências Humanas daUniversidade de São Paulo, área de concentração Antropologia Social>acesso em 26 de set/2015>.

Munduruku, Daniel (1996). *Histórias de índio*. Ilustrações Laurabeatriz. 2a ed. São Paulo, Companhia das Letrinhas.

\_\_\_\_\_. (2010). *Mundurukando*. São Paulo: U“Ka Editorial.

Padilha, Laura Cavalcante (2007). *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niteroi: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora.

Pizarro, Ana (2012). *Amazônia as vozes do rio: imaginário e modernização*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Rocha, Everardo (1984). *O que é Etnocentrismo*. Editora Brasiliense.

Santos, Deoscóredes M. dos (1976). *Contos crioulos da Bahia*. [narrado por mestre Didi]. Pref. Muniz Sodré. Intr. Juana Elbein. Petrópolis: Vozes.

Silva, Maria Georgina dos Santos Pinho e (2013). *Filigranas de vozes... performance dos narradores e o jogo de significados nas narrativas orais indígenas da Comunidade São Jorge-RR*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista.

Sílvio, Castro (2003). *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM.

Zumthor, Paul (2010). *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, et al. Belo Horizonte: UFMG.

Jekupá, Olívio. Entrevista realizada com pelo *site* Empresa Brasil de Comunicações S/A <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/04/escritor-defende-literatura-indigena-para-embasar-estudo-de-culturas-tradicionais>> acesso em 20 de set/2015>.